

Onde a poeira parece que nunca assenta

Depois do conflito com policiais, invasor da Estrutural assiste à disputa de poder entre amigas que já se enfrentavam no carteado

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

O poder na Estrutural está fragmentado. A soberania da vice-presidente da associação de moradores da invasão, Marlene Mendes, está abalada por causa do rompimento político com o deputado José Edmar (PMDB). Ele foi seu criador, mas transferiu seu apoio a uma nova líder, dona Nena. As duas foram amigas, já dividiram confidências, jogando cartas de baralho nas madrugadas do passado. Agora brigam pela aprovação da comunidade. São mais de 15 mil habitantes. Alguns milhares de eleitores. Ninguém sabe quantos.

Mas a Estrutural não tem dono. Depois do confronto mais violento que aconteceu em sua história, com bombas ferindo moradores e policiais no início de julho, a comunidade está assustada. A maioria não segue mais líderes. Ou segue todos ao mesmo tempo. O povo está tenso, não sabe mais a quem ouvir. Está na expectativa, esperando que os dias passem, que o tempo possa lhes revelar o melhor caminho.

A guerra de tiros, paus, pedras e bombas traumatizou as pessoas. "Tá tudo é doido", diz Geralda da Silva, 55 anos. "Ontem, chorei e desgostei da minha vida. Esses anos todos de trabalho, desde os 14 anos. Já trabalhei no corte de machado, na roça, amansando animal, em olaria, atra- vessando gente na canoa, remando. Tenho natureza de homem para trabalhar. Eu queria um descanso no fim da minha vida. Mas que dia? Nem a minha cama eu sei se é minha."

A mulher diz que a comunidade sempre participou de reuniões e apoiou Marlene Mendes. "Era uma comandante. Nós fizemos raiva no governo e sobrou pra gente. Nem à igreja estou indo. Não acredito em mais nada que é pô da terra. Só acredito em Deus verdadeiro." Geralda da Silva está como a maioria do povo. Só uma certeza. Quer um lugar para morar.

Na Estrutural, em meio à especulação política e imobiliária — com

aproveitadores pagando para que alguém tome conta dos lotes que não necessitam — existem os pobres, os que não têm para onde ir.

AMIGA DE CARTEADO

Os conflitos deixaram marcas profundas. Sabino Alberto de Alencar, 45 anos, quase chora lembrando a bomba que caiu na casa de uma das filhas, poucos minutos depois que os netos, de 2 e 4 anos, haviam deixado o barraco. Ele diz que sua família é grande. Ocupa pelo menos 20 barracos na invasão. "Todos trabalharam na campanha. Trabalhei porque acreditava. E ainda acredito no governador. Mas ele tem que dar uma solução para isso. Tem que haver diálogo. Tudo aconteceu com muita violência."

Nena está instalada ao lado da associação de moradores. Ela é uma comissão que se diz disposta a tomar o poder de Marlene Mendes e de seu marido, Joaquim Batista, o presidente da entidade. Segundo a nova líder, o grupo está recolhendo assinaturas para amparar um pedido legal de eleições para substituir a diretoria da associação.

Durante a semana, Marlene Mendes convocou o povo para uma reunião na rua. Ao começar a falar, já tentou justificar o reduzido público. "Pena que não estão todos. O horário é mesmo ruim, uma manhã de quinta-feira, todos estão no trabalho." Ela estava acostumada a pequenas multidões, nunca menos que 800 pessoas sempre lhe ouviam com entusiasmo. Nesse dia, 11, menos de 150 a escutavam. Assim mesmo, não se poderia dizer que era um público fiel. Depois de encerrado o discurso, muitos correram para uma espiadinha no trabalho de dona Nena.

Apoizada pelo deputado José Edmar, além de recolher assinaturas e preparar o bote contra a antiga parceira de *carteado*, Nena está também organizando as pessoas que queiram entrar com ações judiciais para impedir novas derrubadas de barracos. As liminares expedidas pela Justiça deram alguma tranquilidade aos moradores da invasão. Não evitaram a tensão, mas deram novas esperanças.



Dona Nena, a versátil. A nova líder da Estrutural é filiada ao PMDB, já apoiou os tucanos e fez campanhas em duas eleições para o PC do B: "Sou radical"

UMA LÍDER QUE JÁ TRANSITOU EM TODAS AS VIAS

A mulher que disputa o poder com Marlene Mendes na Estrutural é filiada ao PMDB. Mas já apoiou o PSDB e diz que nas duas primeiras eleições de Brasília foi para as ruas brigar por votos para

o PC do B. "Sou radical", diz Nena, como é conhecida Ailza Gomes, 49 anos.

Ela afirma que mora há cinco anos na invasão. É costureira, mas uma de suas principais atividades é a venda de gelo. Nena chegou em Brasília em 1967, vinda de Maceió (AL). "Vim aventurei." Um ano depois casou. Em 1969 teve a primeira filha. O segundo casamento, em 1987, deu-lhe mais quatro filhos. Tem oito netos. O marido é

o sargento reformado Carlos Alberto Gomes, 54 anos, com quem vive até hoje.

Nena conta que, por influência do marido, aproximou-se do senador José Roberto Arruda. "Ele prometia resolver o problema de moradia dos militares. Por isso filiei 300 militares ao PSDB. Moram até hoje aqui na Estrutural." Ela diz que a invasão tem redutos políticos de vários partidos. Mas vai tentar roubar os votos tucanos para o

PMDB. "Os militares não são politizados, acho que vou conseguir."

Apesar de admitir suas intenções, faz questão de ressaltar: "Militância só em época de campanha. Aqui não discutimos gosto, religião e política. Só dá briga. Sabemos que todos os partidos têm seu quinhão na Estrutural. Só discutimos política dentro de nosso próprio grupo, que fala a mesma linguagem. Agora a luta é por moradia."

A briguenta que perdeu o apoio

Desde 18 de fevereiro de 1995, quando a Associação dos Moradores da Estrutural foi fundada, e até as últimas semanas, Marlene Mendes mobilizava a população com facilidade. Tudo o que acontecia na invasão, necessariamente, passava por sua aprovação. As reuniões que realizava tinham a participação de todos, que acreditavam na força da mulher com cerca de 1,50 metro de altura, cabelos pintados de louro. Briguenta. A liderança estimulada pelo deputado José Edmar cresceu rapidamente.

"Ele ficou com medo de que eu fosse candidata." É assim que ela explica o rompimento político com o deputado. Apesar das evidências, Marlene Mendes diz que José Edmar não corre esse risco. "Não sou candidata a nada".

O deputado diz que o motivo do rompimento político com Marlene "foram certas atitudes" dela. José Edmar nega-se a dar detalhes, mas garante que não teme a sua candidatura. "A Estrutural não elege ninguém. Eu serei o mais votado, mas não me iludo, não terei mais que 500 votos lá. Todos os partidos têm núcleos lá dentro e votos garantidos. O que vale para mim na invasão é o discurso que posso fazer em outras bases políticas que tenho. Marlene não tem base política em outras cidades. Só lá." (CA)



Na invasão da Estrutural, a poeira camufla a disputa interna pelo poder